

Campeão de olimpíada multiplica vitórias

Após conquistar o tricampeonato nas provas de matemática, jovem sonha se tornar pesquisador renomado

■ LETÍCIA VIEIRA
leticia.vieira@extra.inf.br

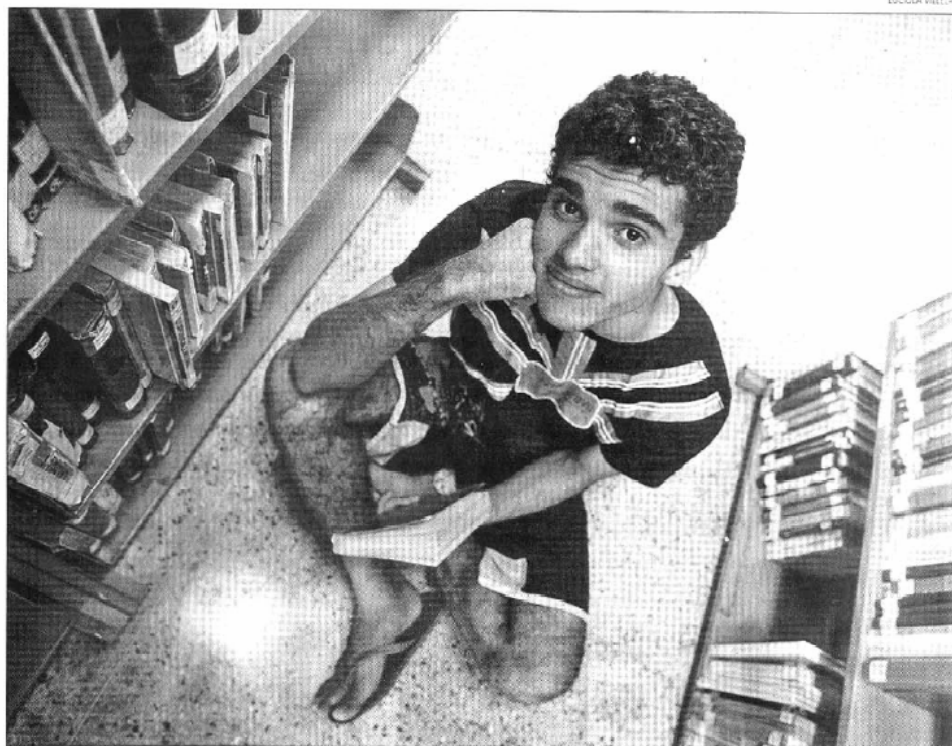
■ Uma prova de matemática mudou a vida de um jovem baiano, morador de Feira de Santana. Wallassy Rosa da Silva, de 18 anos, era apaixonado por biologia, mas achava que seu futuro seria trabalhar no comércio. Após ser tricampeão da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Obmep), o aluno do Colégio Estadual Helena Assis Suvarte deixou sua cidade e sua família para estudar na Universidade Federal Flumi-

nense (UFF), em Niterói.

— Os professores me incentivaram a fazer a Olimpíada no 9º ano. Me descobri como bom aluno quando fiz as provas. Antes disso, minha mãe me dava surra para aprender tabuada. Sempre fui apaixonado por biologia, mas, ao longo da Olimpíada, mudei meu pensamento — disse.

Talento reconhecido

A medalha de ouro na primeira prova foi apenas um passo rumo ao sonho de ser um pesquisador de matemática. No ano seguinte, o ta-



WALLASSY: "OS PROFESSORES me incentivaram a fazer a olimpíada. Antes, minha mãe me dava surra para aprender tabuada"

lento ficou mais claro para Wallassy e todos os moradores de Feira de Santana. O jovem tornou-se uma celebridade entre os colegas de escola, deu entrevistas e passou a ser parado nas ruas.

A fama também trouxe

responsabilidades: frequentar o curso de matemática da Obmep, com conteúdos mais sofisticados do que os ensinados na escola, e ainda se dedicar ao vestibular.

— No 3º ano do ensino médio, me dediquei mais ao

vestibular e acabei ganhando a medalha de prata. Fiz apenas o vestibular da UFF, porque meu sonho é ir para o Impa (Instituto de Matemática Pura e Aplicada) — contou.

A dedicação de Wallassy rendeu bons frutos. O jovem

passou em 13º lugar para matemática e, há duas semanas, mora em um pensionato em Niterói. Ficaram para trás, a mãe, o pai, os dois irmãos e a namorada, que faz faculdade de física em Feira de Santana.

Apoio à especialização

■ Filho de uma dona-de-casa e um padeiro, Wallassy se mudou para Niterói graças ao apoio da Obmep. Ele é um dos alunos beneficiados pelo Programa Iniciação Científica-mestrado, em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Todos os medalhistas na olimpíada ganham bolsa de R\$ 300. Após dois anos, eles fazem uma prova para o mestrado, antes mesmo de acabar a graduação, e passam a ganhar uma bolsa de R\$ 1.130.

No caso de Wallasy, a dis-

tância entre a graduação e o mestrado pode ser menor.

— Ele é um caso excepcional, porque era aluno de escola pública que se destacou no ensino médio, quando a maior parte dos medalhistas é de classes privilegiadas e de escolas federais e militares. Isso mostra o talento dele — disse a diretora acadêmica da Obmep, Suely Druck.

Este ano, foram contemplados 493 estudantes de universidades públicas.

— Muitos alunos descobriram a matemática e reinventaram seus futuros. Esperamos contribuir para reduzir a carência de profissionais — disse Suely.

“Abstrato me fascina. Buscava livros e aprendia sozinho”

Wallassy Rosa da Silva
18 anos, estudante de matemática

■ Pensava em terminar o ensino médio e ficar em Feira de Santana. Caminho de muitos outros, sem perspectiva. Minha mãe e meu pai sempre cobraram que estudasse muito. Sonhavam que tivesse coisas que eles não puderam ter. Minha professora do 9º ano me in-

centivou a fazer a olimpíada e, depois que conheci a Obmep, passei a pensar no Impa. Se estou aqui (em Niterói) é porque sei que sou capaz de algo. Sempre quero saber mais, e lidar com o abstrato me fascina, por isso gosto de matemática. Depois de passar no vestibular, fiz prova de proficiência e acabei eliminando algumas matérias. Buscava livros e aprendia sozinho.